

Safras recordes

A produção brasileira vem registrando aumentos contínuos

Soja

Em milhões de toneladas

1993	25.059
1994	25.934
1995	22.282
1996	26.160
1997	31.364
1998	30.765
1999	32.345
2000	38.432
2001	41.907
2002*	49.647
2003*	60.000

Café em grãos

Em milhões de sacas de 60 kg

1993	28,5
1994	26,0
1995	16,8
1996	28,0
1997	23,5
1998	36,3
1999	30,0
2000	31,6
2001	37,3
2002*	44,8
2003*	47,0

Carne bovina

Em milhões de toneladas-carcaças

1993	6.168
1994	6.094
1995	6.768
1996	6.794
1997	6.402
1998	6.504
1999	6.562
2000	6.697
2001	6.932
2002	7.322
2003*	—

Fonte: Conab e Valor Data. * Estimativa.

Fonte: FNP/USDA e Valor Data. * Estimativa.

Fonte: FNP/USDA e Valor Data. * Estimativa.

Receita agrícola será 40% maior

José Alberto Gonçalves

Para o **Valor**, de São Paulo

O setor agrícola coroa com a safra 2002/2003, que começou a ser colhida em fevereiro, uma sequência ininterrupta de cinco safras de bons resultados financeiros e aumentos contínuos de produtividade. A colheita de grãos bateu novo recorde e é estimada em 112,362 milhões de toneladas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), com aumento de 16,3% sobre a temporada 2001/2002.

A base tecnológica da atual pujança do campo foi gerada em empresas públicas de pesquisa, como a Embrapa, e fundações privadas, a exemplo da FMT, que adaptou o algodão ao cerrado e salvou a cultura da falência econômica. Com a renegociação da dívida agrícola em 1996, abriu-se caminho para o agricultor se capitalizar e retomar investimentos em maquinário e insumos. Mas foi a política cambial adotada a partir de janeiro de 1999 que deu vazão às vantagens competitivas da agricultura brasileira no mercado internacional.

Programas bem planejados para sanar gargalos da estrutura produtiva também ajudaram no fortalecimento da economia agrícola, caso do Moderfrota, para financiamento da compra de tratores novos a juros baixos.

Com a recuperação dos preços das commodities no mercado internacional e a disparada na cotação do dólar em 2002, os produto-

res passaram a viver o melhor dos mundos. A receita bruta do agro-negócio, incluindo safra de grãos e culturas anuais, deverá atingir R\$ 102 bilhões em 2003, 40% mais que a cifra de 2002, segundo a consultoria MB Associados, com base em um dólar médio de R\$ 3,20.

Sob a hegemonia da soja, o setor agrícola novamente será o maior responsável pela geração de divisas em 2003. De acordo com projeção da MB Associados, o saldo comercial do agronegócio alcançará US\$ 17,3 bilhões, o maior obtido pelo setor até hoje.

As vantagens competitivas do país na produção de soja, açúcar, algodão, suco de laranja, café, fumo e carnes deram munição ao governo para iniciar uma cruzada contra o protecionismo agrícola do mundo desenvolvido na Organização Mundial do Comércio (OMC), por meio da investigação dos subsídios ao algodão (Estados Unidos) e ao açúcar (União Europeia). "Se o mercado dos países desenvolvidos fosse livre, os preços internacionais e o câmbio poderiam ceder que ainda assim os produtos agrícolas brasileiros teriam vantagem no comércio mundial", diz André Pessôa, da Agroconsult.

Também dentro do país há entraves à sustentação do ciclo virtuoso da agropecuária a serem resolvidos. Portos exportadores como Paranaguá encontram-se estrangulados na capacidade de armazenagem, estradas esburacadas chegam a dobrar o tempo de

viagem dos caminhões, o governo federal continua atrapalhado na definição de uma política para os transgênicos e problemas ambientais como erosão, assoreamento de rios, desmatamento descontrolado e desperdício de água em projetos de irrigação obsoletos são alguns dos obstáculos a serem enfrentados pelo setor na agenda desta década.

"Temos de parar de pensar em Paranaguá. Precisamos pensar em cinco portos de exportação pelo menos", afirma Guilherme Dias, professor da Faculdade de Economia e Administração (FEA/Usp). Dias também defende pressa no Zoneamento Ecológico-Econômico, coordenado pelo Ministério do Meio Ambiente, para que empresários planejem com maior segurança seus investimentos na expansão da fronteira agrícola, sem agravar problemas em regiões sensíveis como a Amazônia. "Nem toda área de fronteira é propícia à atividade agrícola", diz.

Por fim, há o elevado potencial de consumo interno. Lideranças do setor agrícola acreditam que o programa Fome Zero e o incentivo à agricultura familiar, prioridades do governo Lula, poderão ampliar significativamente o mercado para alimentos como arroz, feijão, açúcar, carnes, mandioca e milho. Contudo, a economia permanece em marcha lenta, sem redução na taxa de desemprego e melhoria na renda, fatores que prejudicam produtos com largo consumo doméstico.